

Prévia Verdades e Relatos

CHUVARADA

Juventino era cabra macho até debaixo d'água, conforme costumava se gabar nos lugares que andava.

Mineiro calado, sua vida era trabalhar duro na enxada para sustentar esposa e uma renca de filhos. No viço da masculinidade, seu Juventino, após cumprir suas tarefas de chefe da casa, banhava-se na bica, arreiava o burro arisco, de nome Mimoso e partia para o povoado a fim de jogar bocha, caxeta, truco e claro, saborear as indispensáveis “pinguinhas”.

Quando Juventino ouvia falar de casos de assombros, nem dava atenção, por acreditar que isso era lá coisa de gente medrosa com tendência a boiolicie.

Um certo dia levantou um temporal lá pros lados do Paranazão, mesmo assim seu Juventino dirigiu-se a cidade, lá esquecendo do dia, do temporal e dos problemas do dia findo.

Ele havia perdido na bocha e no baralho, por isso debitava umas pingas a mais pelo dia de má sorte.

Meio chumbado, deu por encerrada a jornada daquela noitadas, decidindo finalmente lá pelas duas da madrugada, apertar as barrigueiras do arreio sobre o esquivo, porém paciente Mimoso e retornar a sua casa, sem, contudo, ter percebido que havia chovido bastante.

Cavalgou cerca de uns três quilômetros na direção da Estrada Terra Boa, quando na baixada do “matinho dos Gimenes”, o burro refugou, empinou e plantou seu Juventino nos garranchos de arranha-gato. Bem acordado e bravo, demorou a montar novamente no animal que se recusava a transpor aquele vulto branco que aparecia na noite escura.

Não adiantou Juventino gritar e ameaçar, o vulto permanecia ali silencioso. Então ele sacou o revólver 38 e meteu chumbo no vulto. Nada da “coisa” se mexer e menos ainda o seu estimado Mimoso queria atravessar o estranho obstáculo.

Horas se passaram. Encorajado, mas meio atordoado, ele apeou da sela aos berros, dando pontapés a torta e a direita até perceber que chutava flocos da espuma que se formara com a enxurrada. Meio cômico, Juventino após muitos anos do ocorrido, fala sério e brinca da tal “assombração”

INESQUECÍVEL NATAL

O barulho parecia de gato vagabundo que derrubou alguma lata no quintal. Uma luz na janela e o grito – Para se não atiro...! Sou ladrão não, moço! Venho com a mulher barriguda e filho. Tem muita chuva e não temos onde dormir. – Vá para a estrebaria e amanhã segue teu caminho!

Noite escura como asa de urubu. Mulher esperando lá atrás, na porteira, envolvida em trapos carregando um saco de roupas. Menino de oito anos chorando. Lágrimas e chuva no rosto. Alguém gritou para nós ir dormir na estrebaria. É nessa direção.

Lá dentro os animais. Palhas e fezes. O garoto caiu no sono. A mulher tira-lhe as roupas encharcadas. Enrola-o com um pedaço de lona velha, seca, encontrada na cocheira. O homem lança-se às palhas, cansado. Acoita a mulher nos braços.

A palha de milho tem cheiro de comida. Maria tem a pele quente. Vontade. Mas ela está buchuda. Tem que ganhar logo esse rebento.

Antes do sono as lembranças: Fugia do patrão que invocou matá-lo para não pagar o trabalho na fazenda. É assim que fazem. O desgraçado trabalha roçando pasto em Boa Terra da Galileia e quando é para receber, vem bala. Pobre, mas vivo. Precisava chegar logo na sede do município. Voltaria a trabalhar honradamente como sempre fez. Quem sabe até encontraria um patrão honesto.

onradamente como sempre fez. Quem sabe até encontraria um patrão honesto. Não sabia o que faria na cidade. Talvez conseguisse algum sítio para trabalhar. Depois o povo da cidade fica exigindo que a gente vá votá e seja um monte de números. É documento até para homem que não tem honra. Mas tinha fé que ainda ia ver mulher e filho comer todos os dias. Joãozinho voltaria a engordar. Maria ia pegar cor de novo; é bonita a caipora. Comida todo os dias. Entrar na cidade não. Lá tem aqueles homens que falam bonito e não gostam de crianças. Esse bichinho não vota. Mais fácil deixar morrer de fome.

Tá tremendo porque mulher? Malária home! Esqueceu a minha malária. “A minha malária!” O pensamento de posse fez o homem lembrar que está vivo. Maria falava de sua malária como de uma velha amiga. – E agora vem junto a dor, home. Conheço essa dor. Vai nascer. – Se acalme mulher! – Ai, dói muito! – Manhê, tá chegando o irmãozinho? – Vá dormi garoto. Tua mãe tá parindo.

– Queria vê, pai! Vá dormi. – Dói muito José! Nunca mais quero filho! Nunca mais deixo você fazer. – Calma mulher... Respira fundo. Pobreza de merda. Nem uma parteira para ajudar. Não fica aí pensando, home... Me ajuda que tá nascendo. Tá nascendo.

[continua...]

RADARANI

Agora adulta aos 36 anos Radarani ainda costuma dizer que um terrível afogamento quando tinha cinco ou seis anos, é ainda um trauma muito grande que precisa ser melhor trabalhado para a cura total. Guarda como boa lembrança indo à missa com o pai adotivo aos domingos no então distrito de São Jorge, mais precisamente na localidade da Gurucaia, onde nasceu e cresceu Radarani, carinhosamente apelidada de Rada.

Olhos pretos e graúdos, cabelo amarelado e escorrido evidencia o traço da mistura negra europeizada, carregando genes dos pais biológicos, que por querência do destino, doaram a menina aos dois anos de idade para um casal de descendentes italianos, residentes na região.

A vida de Rada tinha tudo para ser boa e feliz. E era, enquanto ela costumava dizer que tinha dois pais. Se um era bom o outro era melhor. Porém, em julho de 1987 ela perdeu o pai adotivo e no mês de setembro do mesmo ano faleceu o seu pai biológico. Pesadelos e traumas surgiram. Por mais que gostasse da vida, era muito triste não ter mais os pais. Nas mãos da “madrasta” a travessia ficava cada vez mais difícil. Trabalhar na roça e se amoiatar nas margens dos rios tornava corriqueiro demais.

Com o sumiço da mãe biológica - de origem africana, Radarani não conseguia absorver sua anunciada vida dura, desamparada, sem referência e muito desesperada. Estudar era a solução. Frequentou com disposição a escola primária, distante quatro quilômetros de casa. Encarou o ginásio, superando todas as barreiras no seio familiar, indo do rigor da mãe e dos irmãos adotivos...

Mocinha de olhar tristonho, mas esguia na estrutura de mulher, lépida nos movimentos e respostas. Aos 13 anos sua primeira menstruação a deixou perplexa e ainda mais assustada com a vida.

[continua...]

UMA ESCOLA NUM CURRAL

De uma transação imobiliária, em 1968, seu Manoel Maia tornou-se proprietário daqueles dez alqueires de terras férteis, numa gleba chamada Boa Esperança, distante não mais de dez quilômetros da barranca do Rio Paranazão, no Noroeste do Paraná. A terra era boa, mas de quiçaca de baixo a cima. Disposto a valorizar o imóvel, seu Manoel, homem corajoso, trabalhador e ambicioso, pegou a esposa e a escadinha de onze filhos e se embrenharam no sítio, que possuía uma casa modesta, boa nascente d'água e muita benfeitoria por fazer.

Com os filhos em idade escolar, o negócio era contratar os serviços de terceiros, sendo muito comum num dia de sol, seu Manoel comandar dez a vinte peões dos bons de enxada; todos cientes de que o trabalho não era mole e o serviço deveria ser bem feito, caso contrário para o dia seguinte o camarada estaria dispensado da diária.

Na parte da tarde, após as aulas, era até bonito ver tanta gente trabalhando, principalmente as crianças que executavam as tarefas com perfeição e não tão lentamente. Para cada um daqueles onze filhos do seu Manoel estava reservado um destino, mas enquanto estivessem sob a guarda e às asas do pai, a educação e o trabalho seriam com ele, sem direito a contestação. Diante das condições difíceis, a rotina diária dos filhos consistia em levantar às cinco horas da manhã, tratar dos animais, tomar café de brasa com açúcar, comer bolo de fubá, ou mandioca com ovo e ir a pé para a escola distante seis quilômetros de casa, lá permanecendo até ao meio dia, para em seguida retornar para a casa, almoçarem a comida já reservada pela mãe, pegarem as ferramentas e arribarem ao canteiro de trabalho até às seis ou sete da tarde, quando então tomariam banho na mina, jantavam, faziam as tarefas, rezavam e cama. No dia seguinte tudo começava outra vez.

Com os seus quatorze anos de idade e cursando a oitava série ginasial, João Carlos, menino franzino, mas lépido, já acompanhava os adultos nas tarefas da lavoura. Sempre retraído nas conversas dos grandes, João Carlos, numa tarde daquele verão de sol escaldante, atirou longe a enxada e se propôs discutir com o seu pai um projeto que há muito vinha matutando na sua cabeça.

- Por que você jogou a enxada. Menino? - Era o seu Manoel interrogando o filho, diante da sua estranha atitude e se a resposta não fosse digna de convencimento, seria encarado como brincadeira e consequentemente o garoto estaria sujeito a uma surra, ali mesmo diante de todos, pois seu Manoel não admitia brincadeiras em horário de trabalho, principalmente quando se tinha gente de fora. O juvenzinho tirou o chapéu de palha, enxugou o suor do rosto e disse alto: - Eu não quero mais trabalhar na roça, pai!

[continua...]

CELULAR VIRA BRIGA FEIA

Sabemos que o celular na atualidade é uma ferramenta para todas as finalidades, para o bem ou para o mal. Sabemos também que muitas amizades, namoros e até casamentos foram desfeitos por causa do celular. Sem falar das empresas que investigam todas as redes sociais dos seus funcionários ou colaboradores. Sabemos igualmente que sem ele, o celular, ficamos ilhados, incomunicáveis. Mas todo cuidado é pouco no uso dessa magnífica ferramenta tecnológica indispensável para não se criar situações indesejáveis.

Na lanchonete havia bastante clientes e a gente numa mesa conversando e discutindo a relação, enquanto a Warcitta ria muito enquanto manuseava um celular. Foi então que avancei no celular da amiga querida. Ela, enfurecida, me estapeou furiosa até tomar o aparelho. É como se no aparelho tivesse gravado algo extremamente proibido. E tinha. Aí o tempo fechou até sermos expulsos do ambiente sob vaias dos presentes. Pega ladrão! Alguém gritou. Relata Darci.

[continua...]

PROFESSORA FAZENDEIRA

Hoje aos 53 anos de idade, Edilaine ao passear nas praias de Caiobá, Balneário Camboriú, Jurerê, Praia do Rosa e outros belos balneários, é mulher pra homem nenhum botar defeitos. Seus atributos de feminina ultrapassam os padrões da mulher comum. Mas nem sempre foi assim. Edilaine nasceu debaixo de um pé de café, lá na beira do Rio Paraná, mais precisamente no distrito de Boa Esperança, hoje Serra da Esperança, Estado do Paraná. Filha oitava de agricultores aprendeu cedo que a vida é feita de sorte e é dura pra quem é mole.

Quando menina, aos oito anos cursava a escola primária andando todo dia cinco quilômetros pra ir e cinco pra voltar. Aos onze anos, saudável, nadava nos rios, montava em animais, trabalhava na roça, brincava com os meninos e meninas, fosse de dia ou de noite. A simplicidade da vida permitia tamanha confiança.

Começou aos doze anos uma tímida criação de galinhas e porcos. Logo os bichos reproduziram e aos quatorze anos comprou uma bonita bicicleta rosa com faróis, freios bons, retrovisores, buzina e bom assento. Chegava suada e feliz no colégio estadual. Logo depois comprou também um cavalo tordilho e vivia no lombo do arisco animal. Um dia seu cavalo sumiu. Dizem que foi roubado pelos ciganos que por lá passaram. Edilaine chorou muito pela perda do seu estimado equino.

Com o advento da forte geada de 1975, que dizimou a cafeicultura no Noroeste do Paraná, Edilaine foi a primeira a se mudar para a cidade grande em busca da realização do seu sonho maior; ser professora universitária. A família relutou enquanto pode para manter a já mocinha na escola onde frequentava um curso científico, que na opinião dela pouco servia. Edilaine soube que a sua antiga amiga Soraya estava morando em Curitiba. Escreveu para a amiga perguntando isso e aquilo e aceitou convite para conhecer a Capital do Paraná

Chegando à bela Curitiba, Edilaine ficou deslumbrada com as mil e uma possibilidades de crescer, realizar sonhos e até se casar. Decidiu ficar. Quinze dias após, retornou a Boa Esperança, para comunicar a família a sua intenção de ir embora. Para tanto venderia suas aves e porcos pra começar a vida na cidade grande.

Edilaine que acabava de completar dezoito anos se mostrava uma mocinha linda, porém sempre discreta no seu modo de vestir. Não queria ser valorizada apenas por causa do rosto bonito, dos longos cabelos pretos, da boca parecida com uma cereja, das pernas bem torneadas, do bumbum avantajado, dos seios arredondados, etc e tal. Queria estudar, ser professora; ensinar.

Tão logo se matriculou no curso de magistério, foi morar com duas amigas num pequeno apartamento lá na Água Verde, sob o pretexto que ficaria mais a vontade para estudar. Logo sentiu que precisava trabalhar para poder pagar as contas que só aumentavam. Procurou emprego em diversas empresas. Não era aceita por falta de experiência. Decidiu trancar a matrícula no curso de magistério e optou fazer um curso técnico de auxiliar de enfermagem.

Ainda durante o curso, Edilaine arrumou emprego num hospital e lá fez amizade com o advogado Stefano, viúvo, que estava internado, muito doente naquele hospital. Edilaine se sentia útil naquele emprego, mas queria mesmo era ser professora. Stefano recebeu alta para

prosseguir o tratamento em casa. Antes, porém, convidou a moça para ser sua enfermeira auxiliar e para isso pagaria pelos serviços prestados, como uma renda extra em suas folgas, deixando com ela o endereço e o número do telefone fixo da sua casa. Stefano deveria ter lá os seus sessenta anos ou mais e Edilaine no viço dos seus vinte anos incompletos.

Decorridos uns setenta dias, Edilaine resolveu telefonar para Stefano, que ficou contente com o contato, falando das boas e más notícias, convencendo Edilaine a ir até sua casa no Jardim Social, para um café e conversas amistosas. Stefano estava reagindo bem ao tratamento e sua aparência era bem melhor que aquela tristonha durante o período no hospital. Porém, Stefano reclamava da cara fechada da sua atual enfermeira que dele cuidava. Ela só quer o meu dinheiro, às vezes até troca os remédios. Penso demiti-la, relatava ele.

Demorou pouco, Edilaine já estava cuidando de Stefano, sempre que podia e assim foram estreitando os laços de amizade, com vários mimos que recebia daquele homem, que a medida que se recuperava parecia ficar cada dia mais bonito aos olhos dela, que aceitou convite para morar num quarto daquela casa grande. Assim não precisaria pagar aluguel e alimentação.

Viúvo, livre e sem filhos, Stefano foi se apegando a ela e ela a ele.

Stefano curou-se e voltou a advogar e curtia a vida, como dizia ele, todo feliz. Stefano levava e buscava Edilaine no trabalho, sempre tratando-a com muito carinho, respeito e cavalheirismo, discretamente procurava ensinar Edilaine a ser uma mulher mais requintada. Gostava da companhia dela durante alguns eventos sociais. Até que certo dia pediu a moça em namoro, em seguida em noivado. Em menos de seis meses estavam casados no papel e tudo, em regime universal de bens. Edilaine Rodrigues da Silva, agora era Edilaine Rodrigues Walback.

Há mais de dois anos trabalhando no hospital, Edilaine se sentia cansada por gozar poucas folgas. Queria tirar um mês de férias para conhecer São Paulo, Rio de Janeiro e o Nordeste. Stefano, muito apaixonado, rapidamente providenciou a viagem, reservando transporte, hospedagem, etc. Ambos estavam felizes e ainda mais apaixonados no retorno da viagem.

Stefano gostava de levar a mulher para visitar a família dela no interior. De lá seguiam para as compras no Paraguai, às Cataratas do Iguaçu, ficando, às vezes, a semana inteira em luxuosos resorts ou hotéis. A vida de Edilaine havia mudado e estava ótima. Seu único homem a fazia muito feliz.

Edilaine teve o apoio do marido para sair do hospital após quatro anos. Pretendia se dedicar ao curso de magistério. Permanecia latente o seu desejo de ser professora. Agora estudava, cuidava do marido e da casa. Stefano era vazectomizado

Durante as festividades em comemoração ao sétimo ano de casamento e a formatura da esposa no curso secundário do magistério, Stefano, acompanhado de um amigo advogado, foi a um cartório deixar um testamento público, onde deixava a casa, imóveis, ações, veículos, saldo das contas bancárias, etc, em favor de Edilaine. A felicidade reinava naquele casal. Ela com vinte e sete e ele com quase oitenta, ambos saudáveis e felizes. Edilaine estava muito contente, pois havia passado no vestibular de letras vernáculas, numa destacada universidade de Curitiba, com habilitação em português e inglês. Em quatro anos estaria formada

professora. Faria um bom curso intensivo de inglês e prestaria concurso público no Estado. Tudo transcorrendo normal e serenamente naquela relação do casal.

Com nove anos de casamento, Edilaine se formaria professora no ano seguinte, tudo conforme o planejado. Era semana de natal e Stefano recebeu uma notificação da Prefeitura de Matinhos, cobrando IPTU, taxas, essas coisas. Não hesitou e pra lá foi de carro resolver o problema, prometendo retornar a tardinha, após solucionar as pendências e depois pretendia dar um mergulho no mar da praia mansa de Caiobá. Tudo concretizado era hora de subir a serra até Curitiba. Em sua BMW, luxuosa e super segura, acabava de percorrer a Estrada Alexandra-Matinhos, meio arrependido por não ter trazido a esposa, mas talvez, ao chegar à capital iria até um shopping comprar um presente bem bonito a ela, como prova do seu amor.

Mas que nada, envolto em muitos pensamentos, no quilômetro 42 da BR- 277 descuidou-se um instante e o carro bateu do guardi rail da estrada desgovernou e caiu num precipício perto do Viaduto dos Padres. Ali morrendo na hora.

A polícia comunicou Edilaine e o corpo foi velado e sepultado com a esposa sempre em prantos pela perda do marido. Alguns dias se passaram e Edilaine tomou ciência dos bens a ela deixados, entre imóveis, salas comerciais, veículos, ações, etc., perfazendo mais de quarenta milhões de herança, além de uma gorda pensão. Edilaine precisava repensar sua vida. Decidiu vender parte do patrimônio e comprou a Fazenda Estrela, com cento e trinta alqueires, de porteira fechada, parte ideal da Fazenda Uberaba, dona de quase mil e quinhentos alqueires de terra, localizada na cidadezinha, onde Edilaine foi criada. Tornou-se fazendeira pecuarista.